

Debates e embates sobre as mulheres e a diversidade étnico-racial nos países africanos

Debates y enfrentamientos sobre las Mujeres y la Diversidad étnico-racial en los Países Africanos

Debates and clashes on Women and Ethnic-racial diversity in African Countries

ORGANIZADORES:

Izanete Marques Souza¹ 

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano

Alexandre António Timbane² 

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Bas'llele Malomalo³ 

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Dossiê | Dossier | Dossier

DOI do artigo: [10.22481/odeere.v7i1.10740](https://doi.org/10.22481/odeere.v7i1.10740)

Submetido em: 29/04/2022 | Aceito em: 29/04/2022

Para a educação brasileira, para a literatura e para a oralitura a África ainda é um campo a melhor ser conhecido, estudado, divulgado em sua diversidade econômica, social, religiosa, artística e de gênero. Contribuir para a redução do olhar preconceituoso nos parece um objetivo ousado, porém necessário, assim como juntar em um dossiê uma diversidade de olhares científicos e culturais tanto

¹ Mestra em Educação e Diversidade (UNEB); graduada em Letras (UNEB). Pesquisadora líder do GEPEDET/IF Baiano (Grupo de Pesquisa em Educação, Diversidade, Linguagens e Tecnologias); segunda líder do grupo de pesquisa NEABI/IF Baiano (Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas); coordenadora, na região Nordeste, do Conneabs Consórcio Nacional de NEABs, NEABIs e grupos correlatos da ABPN (Associação Brasileira de Pesquisadores Negros), gestão 2020-2022. Membro do Difeba/UNEB. E-mail: izanetemarques@hotmail.com

² Doutor em Linguística e Língua Portuguesa, Mestre em Linguística e Literatura moçambicana, Membro do Grupo de Pesquisa África-Brasil: produção de conhecimento, sociedade civil, desenvolvimento e Cidadania Global, Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-2061-9391>, E-mail: alextimbana@gmail.com

³ Doutor em Sociologia pela Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita/UNESP (2010), é docente de graduação nos cursos das Relações Internacionais, Ciências sociais, Mestrado Interdisciplinar em Humanidades (MIH) do Instituto de Humanidades e Letras (IHL) da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), docente colaborador no Programa de Pós-Graduação em Políticas Sociais e Cidadania (PPPSC) da Universidade Católica de Salvador (UCSAL), coordenador do Grupo de Pesquisa África-Brasil: Produção de conhecimentos, sociedade civil, desenvolvimento e cidadania global, pesquisador associado do Centro dos Estudos das Culturas e Línguas Africanas e da Diáspora Negra (CLADIN-UNESP); INTERSSAN/UNESP; da Rede para o Constitucionalismo Democrático Latino-Americano, Pesquisador e membro do Comitê Internacional da Cadeira da Unesco Educação Transformadora, Democracia e Cidadania Mundial, da UQO, Canadá e expert da plataforma Harmony With Nature/ONU. Tem experiência na área de Ciências sociais, História da África e do Negro no Brasil e Filosofia africana, atuando principalmente nos temas seguintes: sociologia africana, estudos das relações raciais, multiculturalismo, migrações e Filosofia africana cooperação internacional, desenvolvimento sustentável, direitos da natureza, segurança alimentar e nutricional. E-mail: escolaafricana@gmail.com

na linha da convergência quanto da divergência para fins de evidenciar a pluralidade de olhares nos parece algo profícuo nesse momento, principalmente como um movimento educador que estimule o/a leitor/a a construção, ampliação e/ou reconstrução do seu olhar sobre o que se entende por empoderamento das mulheres e por diversidade étnico-racial em alguns dos países africanos.

A organização do Dossiê Temático **Debates e embates sobre as mulheres e a diversidade étnico-racial nos países africanos** desenhou-se a partir do entendimento de que ainda há uma demanda significativa de divulgação de produções que abordam as temáticas relacionadas aos conhecimentos, procedimentos e conceitos, científicos e de tradição desenvolvidos nos diferentes processos culturais endógenos, diaspóricos e migratórios dos povos africanos.

As questões étnico-raciais e das desigualdades sociais têm gerado debates e embates diversos nas sociedades do século XXI. Isso porque o colonialismo deixou sequelas que justificam a relevância de existência deste espaço de discussão e de embates na busca de melhor encontrar caminhos para uma sociedade consciente e livre das diversas formas de dominação, particularmente, o sexismo e o racismo estrutural. Interessa-nos, nesse sentido, pensar no papel social das mulheres nas culturas africanas e sobre os diversos dispositivos de resistência que se têm elaborado para manter vivos e preservados o destino de suas comunidades.

O papel das mulheres nas diversas culturas do continente africano perpassa pelo campo da oralitura, conceito “cunhado pelo haitiano Ernst Mirville e usado pela primeira vez em 1974, surge como um neologismo que destina um espaço específico para a literatura oral, sem se confundir com a mesma.” (SANTOS, 2011) e divulgado no Brasil, por pesquisadoras negras a exemplo de Margarete Nascimento dos Santos (UNEB) e Lêda Martins (UFMG).

Centrada no bilinguismo e nas formas de opressão/libertação social e de manutenção de identidades crioulas, a oralitura pode ser sintetizada como a ciência da espacialização e da reterritorialização do saber, da episteme ancestralizada. Isso significa dizer que a produção científica se apresenta imbricada aos aspectos formais da filosofia de vida de quem pesquisa, ainda que esta figura mantenha o distanciamento tão requisitado e almejado pela ciência ocidental.

Significa também que a oralidade representa uma forma de expressão do conhecimento que, aos poucos, é transcrita seja na forma de estudos dos diversos

campos das ciências humanas, seja com destaque na literatura, na dramaturgia como produção de saber e de representação de identidades como no texto “**O feminino e o místico como identidade de Guiné-Bissau na poética de Odete Semedo ‘No Fundo do Canto’**” em que o pesquisador moçambicano Alexandre António Timbane e e a brasileira Antônia Valdilene Rocha de Souza investigam o lugar da mulher na cultura e nas tradições africanas, especialmente dos povos bantu, a partir do objeto de estudo, o livro de poesias “No Fundo do Canto” de autoria de uma escritora, política e professora universitária de Guiné-Bissau.

O estudo da obra de Odete Semedo, deu-se com a finalidade de entender como se dá a representação do feminino e do místico como identidade cultural deste país nos poemas desta autora. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, descritivo-exploratória e pautada no procedimento documental que se desenvolveu a partir da análise de trechos de nove poemas da obra que remetem ao feminino e ao místico como marcas da identidade da Guiné-Bissau através dos significados construídos por meio da língua crioula, em especial.

O corpus foi analisado à luz dos teóricos que trabalham nas interfaces entre a literatura e as identidades de países africanos como Augel (2005), Hall (2006), Semedo (2011), Bâ (1982), Cá e Timbane (2021) e Manuel e Timbane (2018). A conclusão dos autores é que a presença feminina está atrelada ao místico e remete ao poder feminino, como também demonstra características culturais de Guiné-Bissau, tendo a língua como propiciadora de formações léxico-semânticos que remetem às culturas do país desde os primeiros registros da oralitura, nesse país, que data de 1930.

Os princípios da oralitura perpassam ainda o texto “**Resistência e revolução poética**” escrito pela professora e pesquisadora brasileira Jurema J. de Oliveira. Nesse texto, a autora nos apresenta a forma como as escritoras de São Tomé e Príncipe, Alda Espírito Santo e Conceição Lima “visitam um passado próximo a suas infâncias, mas também um passado mais remoto, de uma época em que as narrativas negras do seu país adquiriram corpo por meio das vozes dos avós, bisavós e tataravós. Percebe-se, nesse texto, como as narratologias de matriz africana recorrem ao tempo cosmogônico, inserido no cenário ordenado e em equilíbrio, articulando discurso, prática e resistência de seu povo.” Segundo a autora, “de forma particular, o texto em pauta nos revela como o povo são-tomeense cultiva seus alimentos, elabora seus rituais diários de convivência, de

organização familiar, apesar das vicissitudes da vida diária em um país movido pelas forças ancestrais na forma de estar no mundo.”

Esta pesquisa leva a autora a concluir que o formato de contação e a construção poética precisavam trazer para a cena poética os substratos históricos, crioulos, não condizentes com a produção tradicional ocidentalizada. Nesse sentido, nós, os organizadores deste dossiê, ressaltamos a concepção de crioulo utilizada nesta publicação: as línguas resultantes dos contatos entre as línguas africanas e a língua do colonizador europeu. Línguas mistas que carregam muito mais características das identidades africanas do que europeias. Segundo a pesquisadora negra Margarete Nascimento dos Santos (2011), a oralitura pressupõe ainda uma atitude de militância em prol da afirmação identitária crioula seja no Brasil, seja nos demais países colonizados pelos europeus.

Assim, a pesquisadora moçambicana Sónia André nos apresenta o artigo **“Tema: Você é de onde?”**. Nele, nos mostra como se pode trabalhar conjuntamente com os estudos da oralitura, o campo da escrevivência, termo cunhado pela escritora e pesquisadora Conceição Evaristo, e os estudos das relações raciais. Ela analisa, no seu texto, as manifestações do racismo utilizando como estratégia argumentativa algumas experiências vivenciadas por uma família de mulheres moçambicanas, residentes em terras brasileiras há catorze anos.

Seu texto é iniciado com um resumo no idioma *cicopi*, grupo étnico moçambicano ao qual pertence a autora e que além das províncias de Gaza e de Inhambane é falado especialmente em Maputo, capital de seu país. O debate sobre o racismo de marca, predominante no Brasil, “[...] as marcas tatuadas em nossas peles, memórias, olhos, cheiros, toques, [...]”, como disse a autora, é embasado por estudos de Sónia André (2019), Franz Fanon (2008), Grada Kilomba (2019), Magda Barros Biavaschi (2005), Theodor Adorno (2010). Todo esse dispositivo teórico-vivencial transforma seu texto num belo ensaio acadêmico que impacta a partir da argumentação via narração.

Em **“Mulheres no feminino: o poder tradicional como espaço de empoderamento das mulheres africanas”**, as professoras e pesquisadoras guineenses Artemisa Odila Candé Monteiro, a Peti Mama Gomes e o pesquisador angolano José Manuel Mussunda da Silva abordam como “uma das formas do poder feminino-africano se manifesta acentuadamente no campo da espiritualidade, tanto no mundo visível, ou seja, dos vivos, quanto no mundo

invisível, o dos mortos-vivos. Trazem dados de uma pesquisa em andamento sobre o poder exercido pelas mulheres africanas e que raras vezes são consideradas ou visibilizadas como formas de poder na contramão de uma vasta literatura em que as mulheres, na sua maioria, são consideradas submissas.”

Estes pesquisadores destacam que “o interesse recai sobre práticas de tornar-se *djambakus*, *Balobêru*, *nganga*, *Mutombe* ou *tchimbanda* em duas realidades, a guineense e a angolana.” Para isso, analisam como “a riqueza dos relatos das experiências de uma guineense, moradora de Ziguinchor, Senegal, com foco nas tradições ancestrais para transmitir e explicar o sagrado por intermédio da história oral, reforçam a análise da concepção do lugar destas mulheres no exercício do poder ocultado.” Por fim, sinalizam que este estudo “é de caráter teórico-qualitativo: revisão de literatura, entrevistas e história oral.” Segundo os autores, “percebe-se, nesse trabalho, como o recurso da oralidade dialoga com a condição de escassez de documentos escritos sobre curandeiras, *djambacus*, *Balobêru* e *nganga* que se dedicam a curar.” no trânsito entre Guiné-Bissau e Senegal. Os resultados apontam para a potência de mulheres na prática sagrada de cura pelo encontro de conhecimentos populares, saberes africanos tradicionais, ancestrais e do bem-estar de suas comunidades ou *tabancas*.”

A pesquisadora e professora da Universidade de Cabo Verde, Maria Goreti Varela Freire Silva nos disponibiliza o artigo “**A mulher e os rituais do casamento no interior de Santiago (Cabo Verde)**”, que resulta de “um estudo, marcadamente descritivo, realizado no âmbito do curso de bacharelato em Estudos Caboverdianos e Portugueses. Foca os rituais do casamento no interior da ilha de Santiago, nos meados do século XIX, procurando compreender como é que o casamento, um ato íntimo entre duas pessoas, podia envolver duas famílias, os vizinhos ou até duas comunidades e quais as etapas percorridas desde a manifestação de interesse do jovem pretendente pela rapariga, até o casamento.”

Assim, esta pesquisadora faz a contextualização de “um casamento tradicional, arranjado e realizado, no interior de Santiago, passando pelas diferentes etapas, desde o pedido à noiva e os preparativos que antecedem o dia da cerimônia religiosa e uma série de rituais realizados na residência dos pais da noiva ao longo do dia, do casamento, e à noite, antes e depois, da consumação do matrimónio.” Neste trabalho, Maria Goreti Varela Freire Silva contribui para a

experimentação dos estudos culturais e antropológicos através da “descrição do casamento tradicional, recorrendo a testemunhos de figuras reconhecidas da cultura tradicional e de alguns anciãos respeitados na sua comunidade, complementarmente, reforçados pela revisão da parca bibliografia existente sobre este assunto.” A pesquisadora conclui o texto informando que tanto o namoro como o casamento, na atualidade, ainda são arranjados e realizados em moldes diversos.

Buscando marcar as divergências existentes entre as teorias do feminismo e do mulherismo, a pesquisadora brasileira Ayni Estevão de Araújo nos apresenta o artigo **“A agência política de mulheres negras sob a perspectiva do Mulherismo Africana: para além do ensurdecimento”**. Este estudo “propõe-se à mobilização de alguns aspectos da teoria mulherista *africana* e sua pertinência para a compreensão de experiências políticas de mulheres negras no Brasil. Para tanto, apresenta importantes pressupostos que fundam o *Mulherismo Africana*, bem como algumas de suas filiações teórico-metodológicas; possíveis aproximações e distanciamentos em relação a outras teorias; e, por fim, algumas reflexões acerca das agências políticas femininas negras, especialmente em solo brasileiro.”

A pesquisadora brasileira Lúcia Bueno, e o pesquisador congo-brasileiro Bas'llele Malomalo e nos trazem um artigo intitulado **“Embates ontológicos e epistemológicos com mulheres amefricanas: autonomia e independência em uma economia “informalizada”**, no qual abordam como o notável lugar de destaque e o papel central das mulheres nas sociedades africanas pré-coloniais tem sido inferiorizado em empreendimentos coloniais de devastação dos modos de ser africano, com desdobramentos particulares sobre as mulheres em função do que eles chamaram de instrusão da hierarquia de gênero e da consequente generificação do trabalho.

A descaracterização e criminalização das organizações socioeconômicas autóctones, matrifocalizadas, expressa-se pela nomenclatura de “economias informais”. Eles afirmam que a vista disso, o presente artigo teórico-empírico tem como objetivo articular como a categoria “matriarcado” se aplica à lógica de organização socioeconômica reinventada na contemporaneidade, produzindo autonomia e independência de mulheres.

A introdução do texto acontece com a apresentação do embate ontológico e epistemológico que incita a resiliência das estruturas familiares e

econômicas matriarcais nas Américas. Em seguida, na etapa empírica, apresenta as manifestações da matrifocalidade a partir de relatos de lideranças de organizações econômicas e religiosas de matriz africana. Fecham o texto discutindo as tecnologias econômicas matricentradas que para esse estudo representam fonte de geração de vida individual e coletiva e – sobretudo – a capacidade de reinvenção dos princípios do matriarcado nas Américas contemporâneas.

Nosso penúltimo texto, **“Relações sociais entre a mulher idosa e a família em São Tomé e Príncipe: política e cultura em debate”** é um texto onde a cientista social e professora são-tomense Maria Imaculada Fernandes de Almeida e o professor pesquisador moçambicano Alexandre António Timbane afirmam que todas as sociedades possuem uma cultura que dita as regras de ser e de estar em sociedade. Que a cultura é uma das práticas mais importantes da afirmação da identidade de um povo e que mudam à medida em que a sociedade se adapta aos novos modelos de vida. Segundo eles, “em muitos casos, o que provoca mudanças é o contato entre povos fazendo com que um grupo assimile práticas do outro. A pesquisa visou compreender a problemática da violência contra as mulheres idosas em São Tomé e Príncipe. Quanto à metodologia, a pesquisa usou uma abordagem qualitativa trabalhando com as entrevistas via questionário, que foram aplicadas em três instituições de acolhimento de pessoas idosas. Dessa pesquisa se conclui que os idosos em São Tomé e Príncipe merecem maior respeito por parte da sociedade e que as idosas precisam de ser respeitadas nas suas identidades para que vivam os seus dias com saúde mental adequada. Segundo os estudiosos, a falta de políticas públicas de proteção dos idosos é preocupante naquele país e seria importante que houvesse intervenção rápida do poder público.”

Em **“A desnaturalização do poder e do lugar da mulher na África Austral”**, o professor pesquisador brasileiro, Dagoberto José Fonseca, nos apresenta um estudo no qual a África Austral é descrita como “um gigantesco universo de línguas, modos e estilos de vida, culturas, comportamentos, lugares e formas de vida individual e coletiva, portanto, sendo um espaço da pluralidade, dos encontros multilaterais que a fazem ser diferente e igual ao mesmo tempo do continente como um todo, justamente por abrigar uma grande diversidade de possibilidades de ser, de estar, de sentir e de existir, enfim de viver enquanto *Homo sapiens*

sapiens.”

Com o olhar masculino denuncia as violências sofridas por mulheres dessa área africana o qual continua a ser apresentada por ele como um ambiente vasto de diversidade em relação ao gênero, cultura e conceito de feminino, “justamente porque estamos lidando com um amplo território situado na parte meridional do continente africano, onde linhagens, mitos, histórias, culturas, políticas, economias e cosmovisões do mundo somente se fazem se houver a sua direta participação, enquanto sujeito não passivo no desenvolvimento destas realidades plurais.”

Com esses potentes e emblemáticos textos, convidamos a cada leitora e leitor a desfrutar dos conhecimentos que as pesquisadoras e pesquisadores, em sua maioria, africanas e africanos do continente e da diáspora nos forneceram com muita generosidade. Também incentivados a ampliação dos estudos na linha que aprouver aos leitores e leitoras, mas também a divulgação dessa diversidade cultural epistemológica em nossas salas de aula, especialmente no campo da formação de professores e professoras. Que possamos debater tanto a literatura tradicional quanto a oralitura nas aulas de graduação, de pós-graduação e da educação básica, de modo a disseminar a cultura do respeito à diversidade e do combate aos preconceitos.

Referências:

MARTINS, Leda. Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. **Letras nº 26;** Língua e Literatura: limites e fronteiras, 2003. Disponível em: [Vista do PERFORMANCES DA ORALITURA: CORPO, LUGAR DA MEMÓRIA \(ufsm.br\)](#)

SANTOS, Margarete Nascimento dos. ENTRE O ORAL E O ESCRITO: A CRIAÇÃO DE UMA ORALITURA. **BABEL:** Revista Eletrônica de Línguas e Literaturas Estrangeiras, n.01, dezembro de 2011. Disponível em: [n01_artigo02.pdf \(uneb.br\)](#)